

SOBRE UMA PEDRA GRAVADA NO VALE DO RIO PARDO, RS, BRASIL *

*Pedro Augusto Mentz Ribeiro***

RESUMEN

La región donde fue encontrada la piedra grabada a que se refiere el presente trabajo pertenece al curso medio del río Pardo, en el Estado de Rio Grande do Sul, Brasil. Las coordenadas geográficas del lugar son aproximadamente 29°40' de latitud sur y 52°48' de longitud oeste. Fue localizada en la superficie durante la preparación de un terreno de cultivo. Está confeccionada en arenisca, pesa 233 gramos y mide 123 por 93 por 18 mm. Ambas caras han sido grabadas con motivos abstractos rectilíneos (escaleras y rayados), mediante incisiones por frotación. El borde de la pieza presenta retoques. Por sus características recuerda a las placas grabadas de Patagonia y especialmente a las de la región de Salto Grande en el río Uruguay medio. Presumiblemente se trata de una pieza ceremonial. Pese a haber sido hallada aisladamente, se atribuye a los cazadores especializados de la tradición Umbu, fase Río Pardinho, siendo la primera de su tipo que se describe en la arqueología brasileña.

SUMMARY

An engraved stone was encountered in the vicinity of the middle Rio Pardo, State of Rio Grande do Sul, Brazil. It was found on the surface of an archeological site, when the soil was being prepared for planting. The material is sandstone; the piece measures 12.3 by 9.3 by 1.8 cm and weighs 233 grams. Both surfaces have been ornamented with abstract rectilinear designs (steps and rays), which were produced by grinding. The margin is notched.

The most similar objects are the engraved plaques from Patagonia, and particularly those from the Salto Grande region of the middle Río Uruguay. Although the association is speculative, this piece may belong to the Río Pardinho Phase of the preceramic Umbu Tradition. It is the northernmost occurrence yet reported.

Descrição e histórico da região

A região onde foi encontrada a pedra gravada pertence ao médio rio Pardo. Geologicamente temos aluviões, sedimentos atuais e subatuais, depositados

* Trabalho realizado com o Auxílio nº 151/77 da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), Porto Alegre.

Colaboraram: *Antonio da Silva Martins* e *Catharina Torrano Ribeiro*.

** Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas (CEPA), da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santa Cruz do Sul, RS.

em planícies de inundação e barras: cascalhos, areias e argilas. Formação "Rosário do Sul". fácies fluvial: arenitos vermelhos de granulação média a muito fina, com estratificações de siltitos avermelhados. fácies Santa Maria: siltitos e folhelhos com conchostráceos e flora Thinnfeldia; lamitos vermelhos com réptis fósseis. Formação Botucatu. Arenitos feldspáticos finos e médios, grãos subangulares e arredondados, foscas, com estratificações eólicas típicas, cores rosa a vermelho. Nas províncias geomorfológicas do mesmo mapa, o local do achado está dentro da Depressão Periférica (Carraro e outros, 1974). Climatologicamente a área pertence ao clima subtropical ou virginano, subdivisão peneplanície sedimentar periférica (altitude inferior a 400 m) (Moreno, 1961). A temperatura média anual é superior a 18°C (19,1); precipitação pluviométrica média anual está entre 1600 e 1800 mm.

A vegetação da região é a mata latifoliada tropical com a curiosa ocorrência do pinheiro (*Araucária angustifolia*) e erva-mate (*Ilex paraguariensis*). O local está entre os primeiros morros que anunciam a Serra Geral (Planalto Meridional). O cerro Botucaraí, por exemplo, que domina a região, situa-se a aproximadamente 3 Km ao sudoeste. Poucos quilômetros ao sul iniciam os campos e as suaves elevações que se estenderão até a Patagônia Argentina.

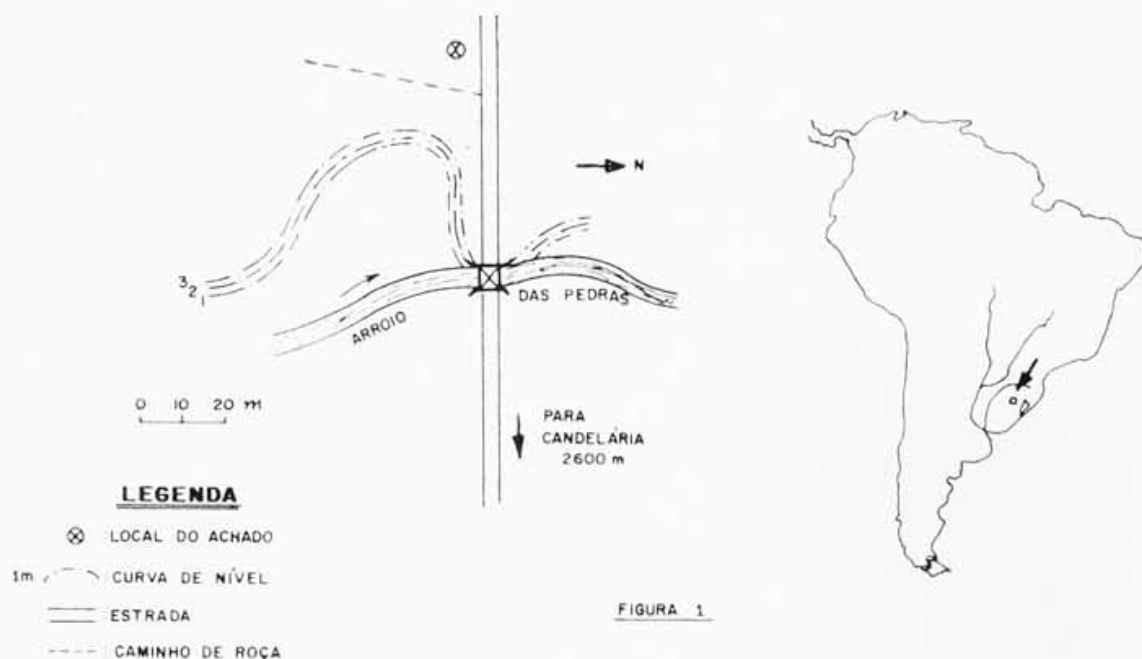
As coordenadas do sítio são os 29°40' de latitude sul e 52°48' de longitude oeste de Greenwich.

Historicamente a região pertenceu, inicialmente, à Espanha pelo Tratado de Tordesilhas. Nas proximidades do local, mais ou menos 1,5 km ao noroeste, se instalaram, em 1633, os jesuítas espanhóis com a redução de Jesus Maria. Mais duas reduções foram fundadas no vale do rio Pardo: uma ao sul, São Cristóvão e outra ao norte, já no planalto, São Joaquim. A distância aproximada é estimativamente 17 km entre elas (é assunto controvertido). Foram destruídas por Antonio Raposo Tavares, bandeirante paulista, em 1636-37.

A colonização propriamente dita iniciou com a vinda de colonos portugueses que se estabeleceram na zona de campo, ao sul já no século XVIII. Rio Pardo pertence a esta fase. Candelária, próxima ao local do achado, começou a constituir-se por volta de 1860 com a vinda dos imigrantes alemães. Sua primeira denominação, antes de emancipar-se de Rio Pardo, em 1925, foi Vila Germânia. A agricultura é a economia predominante na região e, na zona de campo, a criação de gado bovino.

Descrição do local e das circunstâncias do achado

Para alcançar o local do achado segue-se por uma estrada que parte da hidráulica (Corsan) da cidade de Candelária, passando pelo Tênis Clube e pela residência do Sr. Reinhard Hintz. A distância cidade-local do achado é de 2600 m. Logo após passar por uma ponte de madeira sobre o arroio das Pedras, que corre na direção sul-norte, tributário do rio Pardo, existe uma roça de milho e tabaco, a esquerda da estrada. Nesta roça, numa distância de 50 m, aproximadamente, ao oeste do arroio e mais ou menos 5 m da estrada, foi encontrada esta pedra com gravações. O local é um patamar fluvial holocênico, com 3,2 m acima do nível da barranca do arroio (parte superior) e com uma suave inclinação para o oeste. A cota acima do nível do mar está entre os 60 e os 80 m (mapas da Divisão de Levantamento do Exército). Um caminho de roça, à esquerda da estrada e também do achado, divide as terras: ao leste do Sr. Reinhard e ao oeste do Sr. Felino de Oliveira (Fig. 1). O solo do local é arenoso.



A pedra gravada foi encontrada pelo Sr. Reinhard quando capinava o terreno. Achando-a estranha, levou-a para casa. A pequena lasca retirada foi praticada por um vizinho que julgava ser ouro e não uma pedra! A filha do senhor Reinhard, Marli, aluna da Faculdade de Filosofia de Santa Cruz do Sul e que havia realizado nosso curso de Introdução à Arqueologia, reconheceu-a como uma peça arqueológica. Trouxe-a, então, para o nosso Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas (CEPA).

O local foi visitado duas vezes: na primeira coletamos superficialmente e os resultados foram, apenas, 1 pequena lâmina de machado polido, 1 lasca de calcedônia e 1 batedor-alisador; na segunda fizemos 8 pequenos poços estratigráficos, em vários pontos da roça, a partir do local exato do achado, nada encontrando. A profundidade alcançada nestas sondagens foi de 40 cm; até os 23 cm a camada é marrom escura e após marrom clara (amarelada), ambas arenosas, porém, a segunda é mais compacta do que a primeira. Com respeito ao material superficial, não nos atrevemos a fazer nenhuma associação com a pedra gravada porque, além de escasso é destituído de significação ou identificação cultural.

Descrição do material

A pedra gravada apresenta estas características: rocha arenítica de granulação fina; cor pardacenta lilácea (Schwaneberger Farben Führer, 1963); peso: 233 gr; dimensões: 123 × 93 × 18 mm. Os sulcos possuem 1 e 2 mm de largura, predominando 1 mm; profundidade entre 0,5 e 2 mm, predominando 0,5 mm (2 mm é raro). Forma: ovóide. Seção transversal e longitudinal: levemente biconvexa.

Os motivos são abstratos lineares retilíneos (Gradin, ms.). A técnica utilizada para a confecção dos gravados foi o alisamento. A peça foi preparada por alisamento antes e depois da confecção dos sulcos, em ambas as faces. A provável causa foi o intuito de aplaná-la devido à existência de irregularidades numa das faces ("B") que, mesmo assim, permaneceram perceptíveis. Os motivos são distintos para as duas faces. O estabelecimento de face "A" e "B" foi arbitrário; consideramos horizontal, quando o traço é perpendicular ao eixo longitudinal da peça e vertical quando paralelo ao mesmo eixo.

"A" — traços paralelos entre si, vertical e horizontalmente que cobrem toda a superfície da peça: formam 4 "conjuntos" separados um do outro, pois os traços verticais, em número entre 11 e 12, são cortados por 1 horizontal e limitados por outras duas; uma adenda é de que os traços horizontais foram praticados de uma extremidade até a outra da peça e os verticais o foram dentro dos limites de 2 horizontais. Os "conjuntos" de uma das extremidades da pedra não são muito nítidos (pouca profundidade dos sulcos resultante do alisamento posterior).

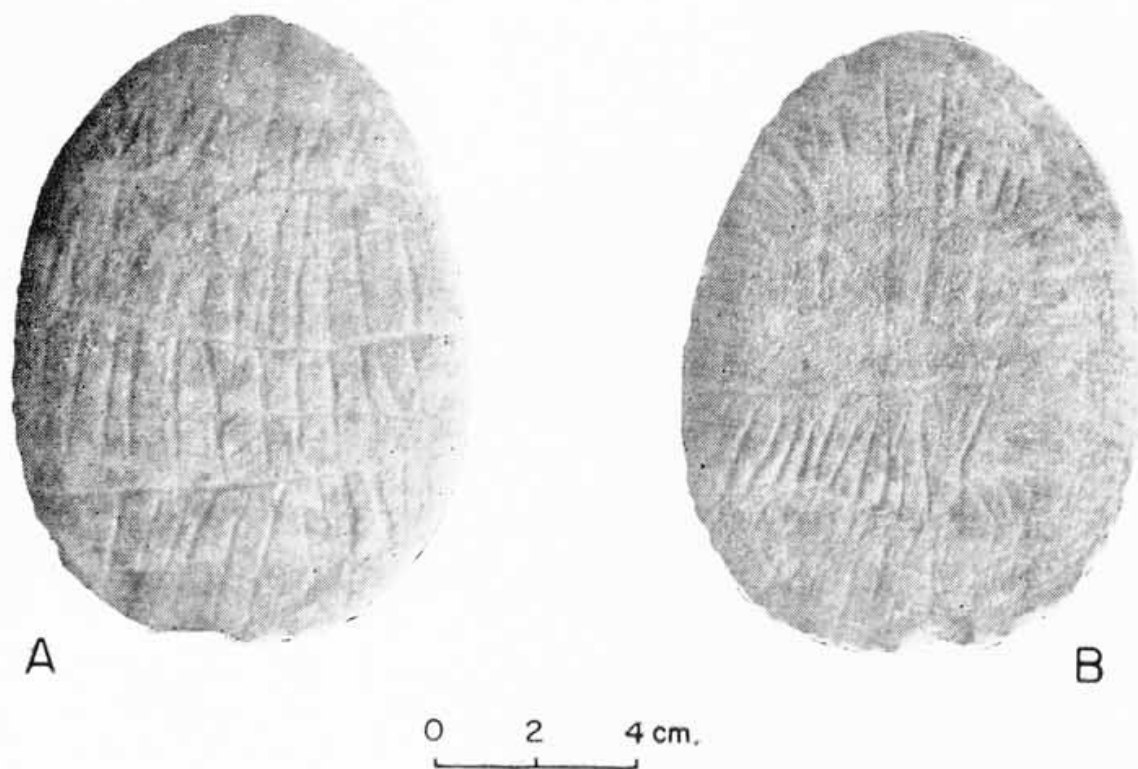


FIGURA 2

"B" — observa-se 3 traços horizontais e 4 verticais, paralelos entre si, cortando toda a superfície da pedra; ainda, uma série de pequenos traços paralelos entre si, convergentes, porém não se encontrando no centro, formando uma espécie de "raiado" em círculo. Não nos foi possível constatar sobreposição.

O bordo periférico apresenta pequenos entalhes formando um "denteado"; a distância entre 1 sulco e outro varia de 1 a 5 mm; os sulcos são mais largos, porém, com a mesma profundidade dos existentes nas faces.

A lâmina de machado polida é de basalto cinza, com polimento apenas na extremidade distal ou bordo ativo (nos 2 últimos centímetros), ângulo do bordo ativo de 50° e com $77 \times 30 \times 17$ mm. A lasca de calcedônia é cinza escuro e cinza claro (rajado), sem sinais de utilização e com $37 \times 25 \times 16$ mm. O batedor-alisador é de basalto cinza, mais ou menos circular, com sinais de alisamento em ambas as faces e de picoteamento no bordo periférico; possui $67 \times 62 \times 42$ mm.

Comparações e conclusões

Pelo que nos é dado a conhecer, é a primeira peça deste tipo registrada na arqueologia brasileira. A área de dispersão é o sul, em especial a região de Salto Grande, no rio Uruguai, e Patagônia Argentina. Consultando a escassa bibliografia que conseguimos e também verificando pessoalmente numa exposição de pedras (placas) gravadas por ocasião do VI Congresso Nacional

de Arqueologia em Salto, Uruguai, as que mais se assemelham com a nossa são provenientes de Bañadero Salto Grande, Uruguai. São as de número 2600 e 2603 (coleção do Museu Municipal de História Natural, Salto, Uruguai), especialmente a última. A comparação que fizemos refere-se aos motivos, a técnica de confecção, forma e matéria prima da pedra, nesta ordem de importância.

Em Cerro del Tigre I, foram encontradas 7 placas de arenito cinza e vermelha em coleta superficial (Rodríguez, 1969). A conclusão é de que na área predominam as subretangulares com gravados profundos de linhas quebradas ou com pontos sucessivos ordenados em sentido vertical ou horizontal ou a combinação de ambos elementos. Pertenceriam a uma fase pré-cerâmica, confirmado pelo trabalho posterior de Caggiano e outros (Caggiano e outros, 1971), apesar destes não citarem pedras ou placas gravadas no mesmo sítio denominado, agora, de El Cerro el Tigre. Rodríguez em outro trabalho, nas Conclusões, diz o seguinte: "...; este contexto está diferenciado del nivel alfarero de Los Sauces I por la ausencia de boleadoras y placas labradas" (Rodríguez, 1971). Isto subentende que existem placas associadas a níveis ceramistas. Em correspondência particular com o Sr. Roberto Cámpora, teceu comentários sobre as pedras gravadas, considerando-as de um nível pré-cerâmico (entre os 0,40 e 0,60 m) para a região de Bañadero Salto Grande. Poenitz interpreta as pedras gravadas como recentes, pertencendo a um período ceramista (Salto Grande Inciso). O material compõe-se de cerâmica incisa de linhas geométricas, formas simples em meia esfera e o lítico é composto de bolas de boleadeira, "rompe-cabeças", pontas de osso, retocadores, espátulas e adornos de osso e conchas, lenticulares, lascas com retoques, talhadores (Poenitz, 1971). Também afirma, em trabalho anterior, que as placas pertenceram ao acervo de um povo semi-sedentário, pescador, recoletor e caçador (Poenitz, 1970). Menghin, citado por Poenitz, diz que as placas gravadas pertencem ao tehuelchense (Patagônico). Outes, Bórmida e Poenitz, criaram tipos de pedras gravadas, mas a nossa não se encaixa precisamente naqueles. A aproximação maior seria com os grupos I e II de Poenitz (Poenitz, 1971). Maruca Sosa ilustra 1 placa gravada (pg. 232, nº 3) que lembra a que nós estamos apresentando neste estudo, em sua forma e motivos, porém, os sulcos proporcionalmente são maiores (mais acentuados), e um quadrículado mais espaçado. Infelizmente não existem referências de tamanho. Diz o autor apenas que foi encontrada em Bocas del Queguay, Paysandú. Supõe que estas peças foram de uso ritual (Maruca Sosa, 1957). Gradin ilustra duas placas do norte da Patagônia, mas com forma e figuras distintas, porém pertencentes a mesma classificação geral de motivos.

Além do aspecto pré-cerâmico ou cerâmico, devemos considerar, para os primeiros, a que grupo pertenceram, isto é, se de um recoletor-caçador ou um caçador especializado com pontas-de-projétil. Rodríguez distingue 3 níveis, desde toscos com grandes e médios implementos até as pontas-de-projétil, mas não nos da associação com as pedras gravadas (Rodríguez, 1969). Caggiano e outros os dá como recoletores-caçadores, comparando-os à fase Caaguaçú, de Miller (Caggiano e outros, 1971). Esta fase pertence à tradição Humaitá, da mesma forma que o Complexo Altoparanaense. A última afirmação é uma conclusão a que chegamos em trabalho anterior (Mentz Ribeiro e outros, 1977). Serrano coloca as placas gravadas dentro da Cultura Entrerriana, fâcie Salto Grande. É um grupo ceramista (Salto Grande Inciso) com instrumentos de osso (retocadores, percutores, bolas de boleadeira, mós, pontas de haste de cervo ou ossos largos, colares de contas de barro, adornos de rodela de moluscos, orelheiras; ocupavam, em geral, sítio em elevações com aparência de cerro ou "cerrito". Diz, ainda: "Há um evidente parentesco entre os desenhos destas placas e algumas pictografias do território uruguaio como as do arroio Maestre de Cam-

po (Departamento de Durazno) e os vasos de Puerto Basílio, em Gualeguaychú". Há, também, similitude com desenhos da cerâmica da fâcie Sarandí (da mesma Cultura Entrerriana) (Serrano, 1972). Gradín acredita, da mesma forma, numa vinculação das placas com as manifestações rupestres. Supõe, como Bórmida, que sejam do início da nossa era (Gradín, 1973). Poenitz afirma que 1000 d.C. é uma datação média (datação obtida por Cigliano no sítio Paradero Los Sauces Norte). Depois de apresentar uma explicação, conclui que as placas (pedras) gravadas, pertencendo à cultura Saltograndense, remontariam a um momento bastante anterior a nossa era e alcançariam a era hispânica. Equipara, também, cronologicamente, ao tehuelchense (Patagônico) de Menghin (Poenitz e outros, 1971). A pedra gravada por nós encontrada possui alguma similitude com os tipos "arcaicos" da Patagônia, segundo a classificação de Bórmida (1952), em especial seu tipo A. Este se atribui, geralmente à cultura patagônica antiga (anterior as influências dos povos tecedores e ceramistas que dão origem ao tipo C e as pinturas rupestres do chamado "estilo de grecas"), aproximadamente entre 1000 a.C. e 1000 A.D. As recentes datariam de pouco antes do começo da conquista, continuando durante todo o transcurso da mesma (Schobinger, informação pessoal; ver entre outros Manghin, 1957; Poenitz et al., 1971).

Agüero Blanch nos espõe uma série de interpretações de vários autores para as placas (pedras) gravadas em seu trabalho sobre uma encontrada na Província de San Juan. A finalidade é, efetivamente, muito controversa: magia ou cerimonial (vários autores), utilitária (modelo para tecidos - Greslebin e Garcés), pedras sagradas ou talismãs ou amuletos (Verneau e Outes), sistema de escritura (Ameghino) e "churinga" (Bórmida). A conclusão a que chega sobre a sua placa é de que poderia ter tido função utilitária (apresenta um corte biselado num dos extremos) ou como pendente (furo de suspensão e decoração apenas de um lado - objeto de adorno) (Agüero Blanch, 1961). Verificando uma publicação de Bonavía a respeito de pedras pintadas e gravadas da Europa, os pesquisadores citados concluem que seriam "churinga" (a maioria), culto aos antepassados, fichas de jogo, arquivo de tribos, material de adivinhos, objetos de culto de um fetichismo primitivo, significado religioso ligado ao culto dos mortos (relação com as pictografias), marcas de um jogo, sistema de numeração, caracteres alfabéticos, função ritual, médica, cultural, proteção à uma aldeola ou indivíduo (assegurando uma boa colheita, caça, pesca ou elas mesmas seriam consideradas viventes e que se reproduzem). O autor, sem tomar posição, mostra que em um só lugar, os seixos pintados foram encontrados associados diretamente a enterratórios (Bonavía, 1971). Para Schobinger, as do Uruguai e Brasil talvez tenham função similar às "churingas" australianas, como susteve Bórmida (Schobinger, informação pessoal).

Como conclusão, não existe dúvida alguma de que a pedra gravada por nós encontrada no Estado do Rio Grande do Sul, pertence ao complexo das pedras gravadas de Salto Grande e Patagônia Argentina. Destas duas áreas as que mais se aproximam da nossa são as de Salto Grande (rio Uruguai médio). Ao que parece, trata-se de uma pedra cerimonial (magia ou religião), provavelmente com a mesma função de uma "churinga" australiana. As razões são as seguintes: características tecno-morfológicas da pedra que lhe tiram qualquer possibilidade utilitária; a raridade da peça; o descartamento das outras possibilidades apresentadas, tais como sistema de escritura (não haviam povos letrados, pré-históricos, na área em questão), modelo para tecidos (os motivos em nada lembram esta função); a vinculação que acreditamos existir entre os petróglifos e as pedras (placas) gravadas. Este último item faz com que atribuamos aos caçadores especializados com pontas-de-projétil da tradição Umbu (regional-

mente fase Rio Pardinho), a pedra gravada aqui tratada, apesar do isolamento em que se encontrava. Ainda, a técnica utilizada (alisamento), o tipo de rocha escolhido (arenito), a área de dispersão dos gravados e das pedras (placas) gravadas (zona de campo ou contígua à mesma) e a situação do achado (pequena elevação junto a um pouco expressivo curso d'água), são fatores que reforçam esta última suposição. Posteriormente, parece que este grupo caçador especializado tornou-se ceramista em algumas áreas (Salto Grande, região lagunar do Rio Grande do Sul, Patagônia Argentina) e continuou a confeccionar estas placas. Se as pontas-de-projétil de pedra lascada não são encontradas em alguns sítios mais próximos d'água, talvez pudessem indicar movimentos sazonais.

As datações absolutas em sítios com petróglifos, no Estado do Rio Grande do Sul, variam entre 5655 ± 140 até 745 ± 115 anos A. P. (Mentz Ribeiro, 1974 b). Dentro desta faixa, como uma tentativa cronológica inicial, colocaríamos a pedra gravada descrita no presente trabalho.

Agradecimentos

Agradecemos ao Sr. Reinhard Hintz e sua filha, Professora Marli Hintz, pela doação da peça e colaboração no desenrolar das pesquisas de campo; aos Srs. Roberto Cámpora e Dr. Juan Schobinger, pelo pronto atendimento, por carta, às informações solicitadas; aos Drs. Cliffords Evans e Betty Meggers pela tradução do Resumo para a língua inglesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGÜERO BLANCH, Vicente Orlando; 1961. "Una placa grabada de Pampa Vieja, Provincia de San Juan", *Anales de Arqueol. y Etnol.*, tomo XVI, p. 235-241, Mendoza.
- BONAVÍA, Duccio; 1971. "A propósito de los guijarros pintados mesolíticos de Europa", *Anales de Arqueol. y Etnol.*, tomo XXVI, p. 69-88, Mendoza.
- BÓRMIDA, Marcelo; 1952. "Pámpidos y Australoides; coherencias ergológicas y míticas", *Etnos, serie B*, nº 6, p. 51-82, Buenos Aires.
- 1956. "Tres nuevas placas grabadas de la Patagonia Septentrional". *RUNA*, tomo VII, p. 203-208, Buenos Aires.
- CAGGIANO, María; CIGLIANO, Eduardo M., e RAFFINO, Rodolfo A.; 1971. "Consideraciones sobre la Arqueología de Salto Grande (Provincia de Entre Ríos)". *Anales de Arqueol. y Etnol.*, tomo XXVI, p. 53-68, Mendoza.
- CARRARO, Clóvis Carlos; GAMERMANN, Natalio; EICK, Nilo Clemente; BORTOLUZZI, Carlos Alfredo; JOST, Hardy, & PINTO, Jair Ferreira; 1974. "Mapa geológico do Estado do Rio Grande do Sul". *Instituto de Geociências, Universidade Federal do RGS*, Mapa nº 8, 29 p., Porto Alegre.
- GRADIN, Carlos J.; 1973. "La Piedra pintada de Mamuel Choique (Provincia de Río Negro)". *Relaciones*, tomo VII, p. 145-157, Buenos Aires.
- HECK, Pablo; 1971. "Placas grabadas del Cerro Norte". *Boletín de Arqueología*, nº 2, p. 19-22, Concordia.
- MENGHIN, Osvaldo F. A.; 1957. "Estilos del arte rupestre de Patagonia". *Acta Praehistorica*, v. I, p. 57-87, Buenos Aires.
- MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto; 1974 b. "Primeiras datações pelo método do C-14 para o vale do rio Caí, RS". *Revista do CEPA*, nº 1, p. 16-22, Santa Cruz do Sul.
- MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto; RIBEIRO, Catharina Torrano, & SILVEIRA, Ítela; 1977. "A ocorrência de zoólitos no Planalto Meridional: Barros Casal, RS, Brasil". *Revista do SEPA*, nº 5, p. 5-49, Santa Cruz do Sul.
- MORENO, José Alberto; 1961. *Clima do Rio Grande do Sul*, Secretaria da Agricultura, Seção de Geografia, 42 p., Porto Alegre.
- POENITZ, Erich L. W. Edgar; 1970. "Un yacimiento en el centro de Entre Ríos. Su relación con el problema del patrimonio arqueológico charrúa", *Boletín de Arqueología*, nº 1, p. 21-38, Concordia.

- POENITZ, Erich L. W. Edgar (coordinador); ARENA, Roberto; HECK, Pablo; PEZ-
 ZARINI, Eriberto M.; TORRANO, Faustino Juan, & VASALLO, Nelson O.;
 1971. "Morfología, relaciones y funcionalidad de las placas grabadas de Salto
 Grande", *Boletín de Arqueología*, nº 2, p. 27-46, Concordia.
- RODRÍGUEZ, Amílcar A.; 1969. "Arqueología del nordeste de Entre Ríos (Río Uru-
 guay Medio) (Nota Preliminar)". *Municipalidad de Concordia*, Departamento
 de Antropología y Folklore, 31 p., Concordia.
- 1971. "Notas relacionadas con los sitios arqueológicos relevados en Salto Gran-
 de, Departamento Federación, Provincia de Entre Ríos, Argentina", *Revista*
Ipicuera, año II, nº 2, p. 13-16, Concordia.
- SERRANO, Antonio; 1972. "Líneas Fundamentales de la Arqueología del litoral",
Instituto de Antropología, v. XXXII, 79 p., Córdoba.
- TORRANO, Faustino J.; 1971. "Placas grabadas del Salto Grande del Uruguay",
Boletín de Arqueología, nº 2, p. 5-12, Concordia.
- VASALLO, Nelson Oscar; 1971. "Placas grabadas de mi colección". *Boletín de Ar-*
queología, nº 2, p. 13-19, Concordia.